7.º ANNO — 15 DE AGOSTO DE 1885 — NUMERO 20

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...
AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.
ID 13. 14.

## A «Historia Verdadeira da Inquisição» e o Episcopado portuguez e estrangeiro

Já não é sob titulo de — A *«Historia Verdadeira da Inquisição»* e o *Episcopado portuguez* que nós traçamos estas linhas, como fizeramos ao publicar as approvações dos Prelados portuguezes; accrescentamos a palavra *estrangeiro*, porque a nossa edição da notabilissima obra, transpondo os mares, foi achar no Episcopado brazileiro a mesma protecção e recommendação, que tem merecido no nosso paiz.

Publicando hoje a approvação do Exm.º e Rvm.º Snr. Bispo de Olinda, digno successor do grande Apostolo D. Fr. Vital, martyr da Revolução, grande é a nossa alegria, não só por vermos os nossos esforços coroados mais uma vez; mas tambem e principalmente, por antevermos que, com a approvação do Venerando Prelado Olindense, se alargará mais e mais a area para a propaganda da *«Historia Verdadeira da Inquisição»* no vasto imperio do Brazil.

Curvamo-nos humildes diante de Sua Exc.ª Reverend.ma para agradecer a graça recebida e para implorar do Senhor nosso Deus a dilatação da vida de tão preclaro Pastor, para gloria da Egreja, felicidade dos povos olindenses e de nós que tanto hemos mister das graças e favores de Sua Exc.ª Rev.ma

*Teixeira de Freitas.*

DIVAGANDO PELO INFINITO

APPROVAÇÃO DA «HISTORIA» VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO
PELO EX.mo E REV.mo SNR. BISPO DE OLINDA

**Dom José Pereira da Silva Barros, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Olinda, do conselho de S. M. o Imperador, etc.**

*SATISFEITO com a leitura que fizemos da obra intitulada «HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO», traduzida do hespanhol pelo Rev.mo Snr. Manoel José Gonçalves Preza, sendo seu auctor o Snr. D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, e editor o Snr. José Antonio Teixeira de Freitas, da cidade de Guimarães em Portugal, concorremos tambem de bom grado a approvar a dita obra, que maxime nos tempos actuaes, é de summa importancia e utilidade, para dissipar as calumnias adrede propaladas pelos inimigos da Santa Egreja Catholica; e por isso Havemos por muito recommendar a leitura da mesma obra ao Revd.º Clero e fieis de nossa Diocese.*

*Dada e passada no Palacio Episcopal em Pernambuco, aos 24 de abril de 1885. E eu, o Padre José Affonso de Lima e Sá, Secretario do Bispado a subscrevi.*

✠ *José, Bispo de Olinda.*

# SECÇÃO RELIGIOSA

## O descanço do domingo

REVOLTA tanto a uma consciencia catholica ver o modo escandaloso como é profanado um dos Mandamentos da Lei de Deus —o descanço do domingo; escandalisa tanto as boas almas esse indifferentismo com que hoje se passam os domingos, que julgamos um dever nosso e de todos os escriptores catholicos levantar um brado em prol da sanctificação do domingo.

Nas grandes cidades de ha muito se não faz caso d'este dia que o Senhor destinára para o descanço, mas hoje esse costume, que o atheismo levára ás cidades enraisou-se tambem nas aldeias,e não é raro ver aos domingos os filhos dos campos, que tanto observavam a lei de Deus em eras idas, avergados ao peso do trabalho, e atravessando, com cynico descaro as ruas das cidades com seus carros e gados, dando um puro testimunho do seu despreso para com as leis do Creador.

Deve-se em grande parte este estado desgraçado das nossas povoações ruraes, ao desleixo dos parochos, que, diga-se a verdade, salvas honrosas excessões, são pouco cuidadosos no amanho da vinha que lhe está confiada.

Sejamos nós ao menos soldados verdadeiros da Cruz, apontando pesarosos taes faltas, e recommendando a nossos leitores o seguinte artigo que transcrevemos do «Novo Mensageiro do Coração de Jesus», e que este nosso esclarecido collega traduziu da notavel publicação franceza «Annales Catholiques»:

«Ultimamente o snr. Vandenpeereboon, ministro dos caminhos de ferro, correios e telegraphos na Belgica, tomando algumas providencias, que asseguram aos empregados da sua repartição algum descanço aos domingos, iniciou uma reforma das mais uteis para a felicidade social, e que nós bem folgariamos de ver introduzida em larga escala nos outros paizes. O trabalho ao domingo faz maior numero de victimas, do que geralmente se pensa. Porque razão se vêem por ahi tantas mortes prematuras, tantas saudes alteradas e languescentes entre as classes laboriosas? Uma das causas principaes d'este mal é, sem a menor duvida, a violação do descanço dominical.

O corpo do homem é certamente uma maravilhosa e potente machina creada pelo mais habil dos artistas; mas, por mais resistente que ella seja, não póde todavia funccionar indefinidamente, e carece do repouso. O divino obreiro, que calculára a dimensão e a força de todas as mólas empregadas na composição do corpo humano, é muito competente para calcular tambem o tempo, e fixar a medida do trabalho, que o mesmo corpo póde produzir sem se deteriorar. Ao mesmo tempo que o grande artifice, o ponderador de todas as cousas, promulgava a lei do trabalho dos seis dias, fixava do mesmo modo a outra lei do descanço septenario. Portanto a guarda do domingo está em harmonia com a constituição physica e moral do homem.

Se a acção do homem physico ultrapassa muitas vezes e notavelmente o periodo de seis dias, as suas forças enfraquecem e esgotam-se: se o homem moral não póde, depois de seis dias de trabalho material dispendido em grangear os meios de subsistencia, alevantar os olhos e o pensamento ás cousas immateriaes e religiosas, embrutece-se e torna-se elle mesmo material como as obras a que se entrega...

Se o povo fosse ao domingo, arrancado aos seus trabalhos forçados, e se lhe permittisse ir livremente ouvir na egreja a palavra de Deus, seria infinitamente menor o numero dos delinquentes e dos castigados. Para levar as populações ao respeito dos direitos do proximo e da sociedade, é mister que ellas sejam antes de tudo instruidas nos seus deveres para com Deus. Ora esta instrucção religiosa e moral torna-se impossivel para as classes operarias entregues, ao domingo, ás suas occupações servis. Com effeito, é ao domingo que o povo vae á egreja aprender junto dos altares e cadeira sagrada os seus deveres para comsigo mesmo, para com os seus similhantes e para com o seu Creador.

Esta educação moral, que communica ao povo o sentimento da sua dignidade e das suas obrigações, que o sujeita a habitos honestos, que põe o sello da doçura e da urbanidade em seus costumes, que regula os seus trabalhos e as suas labutações domesticas, e que lhe inspira o amor do que é justo, o respeito do direito e da auctoridade, d'onde a receberá elle se a religião não encontra ensejo de poder offerecer-lh'a? E que accesso poderá ter a religião junto das populações, se as não póde reunir aos domingos para lhes fazer ouvir a sua voz? Todavia, estas reuniões na egreja são impossiveis se o homem do povo se entrega, no domingo, aos seus trabalhos ordinarios. E' mister pois o descanço dominical, para moralisar o povo, e para haver tempo de o instruir nos seus deveres.

Abandonada, sem direcção religiosa, aos seus materiaes instinctos, á grosseria dos seus appetites, que sentimento de dever e de moral poderá ter essa multidão de homens, a quem os seus officios têem prezos nas officinas, ou a quem os duros trabalhos agricolas trazem sem interrupção adscriptos á gléba, como os escravos da antiguidade pagã? Bem depressa – diz um grande moralista os pensamentos d'esses homens, se lhes falta a guarda do domingo, deixarão de elevar-se acima da materia, sobre a qual empregam os seus esforços para a variar de mil modos, nem ultrapassarão os limites do campo, cuja superficie é penosamente rompida pelo seu braço.

Accrescentemos emfim, com o *Courrier de Bruxelles*, ser muito para receiar que as esperanças e os desejos d'esses homens votados á *perpetuidade do trabalho* não parem nas satisfações sensuaes, que compram á custa do salario do seu labor e do producto da sua industria.

O domingo deve dar descanço e moralisar. Durante seis dias o homem exerce o seu imperio sobre os entes de ordem inferior; mas, pelo seu imperio e acção sobre a creação material, não deve o homem assimilar-se a ella, nem descer ao seu nivel; deve, de tempos a tempos, erguer a fronte para o ceu e tomar descanço n'esse dominio, de que Deus o constituiu rei. Ora, sem o repouso dominical, o homem seria apenas o primeiro entre os seres terrestres, que governa, e esqueceria que o seu destino o eleva mais alto que isso.

Depois de se haver apropriado, pelo seu trabalho, de todas as creaturas collocadas abaixo d'elle, deve, pelo nobre e santo descanço do domingo, voltar-se para Deus, sua origem e seu fim. Se obrar de outro modo, e se, sem interrupção nem repouso, se mantiver affastado de Deus e sempre absorvido pelas suas lidas, tambem Deus se affastará dos seus negocios, que cessando de ser regulados pela lei divina «a usura e a fraude prevalescerão nas praças publicas» nos bancos, nos armazens, nos escriptorios; ver-se-hão iniquidades que bradarão ao ceu, fortunas escandalosas, prosperidades sem honra, perfidias atrozes, decepções inauditas, catastrophes sem nome.

Acostumar imprudentemente os homens a crêr que todos os dias são igualmente bons para ganhar dinheiro, é como que persuadil-os, de que tambem todos os meios são licitos e honestos para chegar á fortuna e ao bem-estar. E isto é o que infelizmente se está vendo com frequencia nos logares onde o dia do Senhor já não é conhecido nem sanctificado.»

## Vida na luta

Poderia com rasão receiar-se pelo futuro da Egreja, se não lhe fosse fanal d'esperança, a voz indefectivel de Jesus victimado pelos homens, a proclamar a sua immortalidade e a solidifical-a em bases que os seculos jámais lograrão esborcinar. Se Ella, a filha dadivosa da cruz, não tivesse como fonte serena d'alento e vida a eschola incorruptivel da experiencia, que lhe diz:—lucta, combate, que é esse o segredo da tua existencia.

Vascolejando a urna do passado e contemplando, na sua trajectoria ao longo de 18 seculos que a historia recolheu em paginas de luz, esta instituição audaciosa iniciada n'uma ourela do mundo por alguns rudes pescadores, vimo-nos forçados a exclamar com a energia que dá a convicção :—não, nunca a vereis prostrada na sepultura que tentaes cavar-lhe, será eviterna; os tempos idos são-lhe firmissima garantia de vida nas edades porvir; avançará placida por entre as espadanadas da vossa sanha ferina, porque a alva tunica da sua esperança é inconsutil como o Divino Mestre.

Não vos deixeis illudir, impios de todos os matizes; nos vossos tristemente gloriosos ascendentes tendes lições severas onde podeis estudar a tempera dos vossos dardos. Todas as armas elles ensaiaram sem exito; manejáram torpemente o ferro assassino do selvagem, vestiram os ouropeis da hypocrisia, empunharam o hastil do bandido, não olvidaram o talhante da calumnia, a ironia dicaz, o escarneo acintoso; travaram luta desesperada mas luta sempre balda! Todas essas armas tão vis como quem as manipulava foram partir-se em estilhas contra esse monolitho immenso que a cruz fulgurante da Redempção, encima com gloria —a Egreja catholica.

Não, fementidos aduladores de todos os vicios protervos, de todas as paixões ignobeis, nunca attingireis o alvo das vossas operações vertiginosas; e o desespero arrancar-vos-ha dos labios o mesmo *vicisti* de Juliano.

Disse Guisot: — os revolucionarios reiteram tentames para demolir o catholicismo, mas elle reaparece incolume atraz d'elles.—E a revolução franceza é uma prova frisante do que affirma o concencioso protestante. Verdadeiramente, essa violentissima explosão demagogica, que coroou de sangue o seculo passado, essa turgida caudal de crimes que alastrou a França, esse lugubre scenario de indisiveis horrores que nos apavóra e espanta, foi um assalto terrivel e profioso e gigante contra a Egreja, planeado pela impiedade iducada na escola do *grande* mestre de Chatenay.

Mas Jesus ahi vive no coração de duzentos milhões de crentes, e a Egreja ahi está florente e pujante projectando em todas as zonas a sua sombra que os povos não cessam de abençoar. E a revolução não fez mais do que aureolal-a com uma estemma brilhante de immarcescivel gloria e colher para si uma prova iniquivoca de impotencia.

*(Continúa.)* ***

# SECÇÃO SCIENTIFCA

## Os principios catholicos perante a rasão

### V

### Jesus Christo

*(Continuado do n.º antecedente)*

Tolomeu Philadelpho mandou fazer a versão do Antigo Testamento para a celebre bibliotheca que reuniu em Alexandria, e setenta interpretes levaram a effeito este trabalho duzentos e noventa annos antes de nascer Jesus Christo: foram pois traduzidos os prophetas do hebreu para o grego com esta precedencia ao christianismo.

Os judeus nunca duvidaram da veracidade dos seus prophetas, cujos livros formavam parte do Antigo Testamento. Assim o encontramos consignado nas obras de Josepho, celebre escriptor e capitão hebreu que vivia no primeiro seculo da Egreja, e luctou gloriosamente pela independencia da sua patria desgraçada.

O auctor das *Antiguidades judaicas* tinha feito um estudo critico dos referidos livros, cuja exactidão elle demonstra recordando os prognosticos surprehendentes de Isaias e o seu exacto cumprimento.

Philomator conta de Tolomeu que este déra licença a Onias para levantar um templo no Egypto, successo que foi prognosticado seis centos annos antes (1).

Refere tambem outro vaticinio d'aquelle homem inspirado, annunciando a liberdade que Cyro devia dar ao povo Hebreu, e Cyro, que reinou duzentos e cincoenta annos depois da morte de Isaias, concedeu a liberdade aos Hebreus e recursos abundantes para construirem o templo (2).

Os livros da lei estavam tão escrupulosamente conservados, que se tornava impossivel qualquer alteração n'elles.

Liam-se nas Synagogas; lia-os o povo, e eram o estudo principal dos Rabbinos, que zelavam a exactidão e pureza do seu texto.

Os annuncios referentes á vinda do Messias eram perfeitamente conhecidos, e o seu cumprimento era aguardado com afan: vaticinios que os dozo prophetas consignaram nas suas obras admiraveis: copiaremos alguns guardando a ordem chronologica, já que não é possivel trasladal-os todos n'este livro.

David annunciou a morte e paixão de Jesus Christo mil e cem annos antes d'ella succeder, arrancando a prophecia d'aquelle sangrento drama tristes endechas á sua imaginação poetica.

«Meu Deus, meu Deus! olhae para mim com piedade! Porque assim me desamparaste? os clamores de meus peccados são causa de estar longe de mim a salvação que eu poderia esperar de vossa misericordia...

«Mas eu não já figura de homem, senão vil e desprezivel bichinho, cheguei a ser o opprobrio dos homens, e a abjecção da plebe... Todos os que me viam escarneceram de mim: fallaram com os labios e meneiaram a cabeça .. Este, diziam elles, tinha posta no Senhor a sua esperança: pois que venha agora livral-o, e salval-o se é verdade, como elle blazona, que tanto o amam. Porque o terrivel momento da minha tribulação está proximo, e não ha quem para salvar-me me estenda a mão... Estou cercado de inimigos, que como indomitos novilhos e gordos touros querem investir commigo... A' maneira de leões que rugindo se arrojam ferozes, sobre a presa, teem já aberta a bocca para lançar-se sobre mim e devorar-me... Vejo correr o sangue de meu corpo, como se fôra agua que se derrama, e sinto já desconjuntados todos os meus ossos á força dos tormentos. Faltou o vigor em todos os meus membros, e como vasilhas de barro se vão seccando: minha lingua pegou-se-me ao paladar com a seccura, e já me haveis conduzido até o pó da sepultura, em que depois de morto hei de ser enterrado... Traspassaram-me com cravos as mãos

(1) *Ant. jud.*, lib. I, cap. XIX e XXV, e no liv. XIII cap. IV.

(2) *Ant. jud.*, lib. XI. cap. I.

e os pés, e podem já contar se todos os meus ossos descarnados...

«N'esta triste situação se põem a contemplar me, e crueis escarnecem de mim: repartem entre si os meus vestidos, e deitam sortes sobre a minha tunica inconsutil... Mas vós, Senhor, em vista d'isto, não tardeis em vir em meu soccorro: vinde logo em minha defeza...

«Que eu então, *victorioso da morte, irei annunciar a meus irmãos o vosso nome, e no meio d'um novo povo fiel, que se ha de aggregar a vós; cantarei os vossos louvores... Por tanto, meu Deus, no meio d'uma congregação de povos cantarei as vossas glorias: e por meio de meus ministros offerecerei continuamente um agradavel sacrificio á vista de todos os fieis que vos adoram. De minha mesa participarão e se fartarão os humildes e os pobres de espirito. E com o alimento que eu lhes darei, viverão suas almas eternamente;* e todas as nações da terra sem distincção nenhuma, deixada a vaidade de seus idolos virão prostrar-se a seus pés e adoral-o (1).»

Com oito centos annos de anticipação prognostisou Micheas o nome do afortunado povo em que havia de nascer Jesus.

*E tu Belem Ephrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá: mas de ti é que me ha de sair aquelle, que ha de reinar em Israel, e cuja geração é desde o principio, desde os dias da eternidade.* Prophecia que annuncia claramente a gloria de Belem e a divindade do Redemptor, alludindo além d'isso á Santissima Virgem quando accrescenta: *porisso Deus os abandonará* até o tempo, em *que parirá aquella que ha de parir*, e diz com referencia aos Apostolos:

«Serão as reliquias de Jacob no meio de muitos povos, como um orvalho que vem do Senhor, e como umas gotas d'agua, que caem sobre a herva, sem dependerem de ninguem, e sem esperarem nada dos filhos dos homens (2).»

Contavam igualmente oito centos annos de antiguidade os admiraveis vaticinios de Isaias quando Jesus Christo veio ao mundo. Escreveu o inspirado porpheta com maravilhosa exactidão:

«Pois porisso o mesmo Senhor vos dará este signal.

Eis que uma Virgem conceberá, e parirá um filho, e será chamado seu nome Emmanuel (3)...

O povo, que andava em trevas, viu uma grande luz: aos que habitavam na região da sombra da morte, lhes nasceu o dia...

Porquanto já um menino se acha nascido para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o principado sobre o seu hombro (1).»

Isaias predisse tão exactamente a adoração e as offertas dos Reis Magos que as suas palavras enchem de assombro o animo.

«Porquanto eis que as trevas cobrirão a terra e a escuridade os povos; mas sobre ti nascerá o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. E andarão as gentes na tua luz e os reis no esplendor do teu nascimento. Levanta em roda teus olhos e vê: todos estes se teem congregado, elles vieram a ti; teus filhos virão de longe e tuas filhas se levantarão de todos os lados... Uma innundação de récuas de camellos te cobrirá, de dromedarios de Madian e de Efa: todos virão de Saba, trazendo-te ouro e incenso, e annunciando louvor ao Senhor (2).»

Annunciou egualmente a paixão e morte de Jesus Christo do modo mais preciso e surprehendente.

«Feito um objecto de desprezo e o ultimo dos homens, um varão de dores, e experimentado nos trabalhos: e o seu rosto se achava como encoberto, e parecia desprezivel pelo que nenhum caso fizemos d'elle...

Em verdade elle foi quem tomou sobre si as nossas fraquezas e carregou com as nossas dores: e nós o reputamos como um leproso, e ferido por Deus e humilhado: Mas elle foi ferido pelas nossas iniquidades, foi quebrantado pelos nossos crimes: o castigo que nos devia trazer a paz caiu sobre elle, e nós fomos sarados pelas suas pizaduras...

Elle se offereceu, porque elle mesmo o quiz, e não abriu a sua bocca: elle será levado como uma ovelha ao matadouro, e como um cordeiro diante do que o tosqueia emmudecerá, e não abrirá a sua bocca...

Elle foi tirado da angustia, e do juizo: quem contará a sua geração? porque elle foi cortado da terra dos viventes: eu o feri pela maldade do meu povo. E lhe dará os impios pela sepultura, e o rico pela sua morte: porque elle não commetteu iniquidade, nem houve nunca malicia na sua bocca...

Verá o fructo do que sua alma trabalhou e se fartará: aquelle mesmo justo, meu servo, justificará muitos com a sua sciencia, e elle tomará sobre si as suas iniquidades... Porisso eu lhe darei por sorte uma grande multidão de pessoas, e elle distribuirá os despojos dos fórtes, porque entregou sua alma á morte (1).»

Além d'este fez o propheta differentes vaticinios sobre a vinda do Messias, os quaes omittimos em obsequio á brevidade do nosso trabalho, e porque julgamos necessario inserir a surprehendente prophecia d'outro varão inspirado.

*(Continúa.)*

*D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.*

(1) David. Psalmo XXI. Paraph.
(2) Micheas, cap. V, v. 2, 3 e 7.
(3) Isaias, cap. VII, v. 14.

(1) Id., cap. IX, v. 2 e 6.
(2) Id., cap. LX, v. 2 e seguintes.

(1) Id., cap. LIII, v. 3 e seguintes.

# SECÇÃO HISTORICA

## D. Egidio, Bispo (?) do Porto

O ponto de interrogação que acompanha a epigraphe do presente artigo indica que póde controverter-se o episcopado de D. Egidio na diocese do Porto, mencionado por muitos auctores com argumentos pouco solidos.

Não é de pequena importancia a discussão d'esta especie, porque, se podermos provar que é apocrypha ou pelo menos duvidosa a existencia do Bispo D. Egidio, concluiremos que nenhum credito merece o facto, exposto por alguns chronistas, do castigo que D. Pedro I tomara d'este Prelado, por suas proprias mãos.

Esta historia está envolvida em taes sombras que se não póde affirmar positivamente, e ha rasões muito provaveis para duvidar da sua authenticidade, quando não seja para a negar affoutamente.

Discutiremos, pois, este ponto, rehabilitando a memoria de D. Egidio, ou melhor mostrando que não houve no Porto similhante Prelado, e por consequencia que é falso o facto attribuido ao rei D. Pedro I.

Vejamos primeiramente o que referem alguns chronistas, principalmente Ruy de Pina, Fernão Lopes e Duarte Nunes de Leão, aos quaes depois seguiram outros historiadores portuguezes, sem applicarem ao caso as regras da critica que tão necessaria se torna para distinguir o erro da verdade, e não dar por certo o que está sujeito a controversia.

Eis em summa o que elles contam:

«Em uma viagem ao Porto, soube D. Pedro I no caminho que o Bispo, Prelado rico e poderoso, tinha feito violencia á esposa de

um cidadão respeitavel, o qual não ousava queixar-se, com medo do Bispo que ameaçara matal-o se tal praticasse.

A' sua chegada á cidade, o rei fez convidár o Prelado para vir encontrar-se com elle no palacio (a actual alfandega velha), a fim de tratarem negocios de importancia e que diziam respeito ao bem do reino.

As guardas tinham sido collocadas pelo proprio rei d'uma tal maneira, que os domesticos e funccionarios da côrte podessem encontrar-se cuidadosamente alongados da sala da entrevista.

Logo que o monarcha se achou na presença do Bispo, despojou-o, com suas mãos, de suas vestiduras, e lhe ordenou mui positivamente a confissão de seu crime: e isto brandindo com espantosa furia e com um tom ameaçador o azurrague que habitualmente comsigo trazia.

Fallavam tão alto o rei e o Bispo, que se ouviam as suas vozes em toda a casa.

As pessoas da côrte, a quem fôra ordenado não se approximarem, conhecendo exuberantemente o caracter do principe, e suspeitando logo qual podia ser o negocio que se trataria entre elle e o Bispo, correram de prompto ao aposento do conde de Barcellos, D. João Affonso, do grão-mestre da Ordem de Christo, D. Nuno Freire, e de outros conselheiros do rei, a fim de interporem a sua mediação a favor do Prelado.

Estes, porém, não ousavam violar o que tão positivameete lhes fôra determinado. Entretanto o Bispo era cruelmente fustigado com o azorrague, e assim o encontrou o *escrivão da puridade*, Gonçalo Vasques de Goes, que, sob pretexto de entregar um despacho mui urgente do rei de Castella, se aventurou a entrar. Em seguida entraram todos os outros cavalheiros.

Foram necessarias as mais vivas demonstrações sobre a inconveniencia e indignidade d'um tal procedimento, para que os conselheiros podessem adoçar a colera do rei. Conseguiram emfim livrar das suas mãos o Bispo que logo se recolheu ao seu paço.»

Tal é a historia que narram os chronistas, sem declararem o nome do Bispo, dizendo sómente que era do Porto, nem o anno em que isto succedeu; e, comtudo, fazem especifica menção das pessoas que lhe acudiram.

Duarte Nunes de Leão apenas diz que era *Prelado honrado e de grande auctoridade*.

D. Rodrigo da Cunha, no seu *Catalogo dos Bispos do Porto*, suppõe que este Prelado é D. Egidio, que succedeu na cadeira episcopal a D. Affonso Pires em 1363.

Mas que documentos ha para dizermos que D. Egidio foi immediato successor de D. Affonso Pires? Apenas um escriptor estrangeiro, Gaspar Alvares Lousada, geralmente conhecido como auctor de muitas patranhas.

D. Rodrigo da Cunha, por mais investigações que fez, não encontrou documento algum, d'onde constasse a existencia d'este Bispo; e, unicamente movido pela auctoridade de Lousada, o introduziu no catalogo dos Bispos do Porto.

Mas a auctoridade do celebre licenciado Lousada não é de grande consideração, supposto que em outro tempo gosasse de muita reputação em materias de antiguidade e fosse tido em respeito pelos historiadores: muitas da suas historias não resistem a uma sã e apurada critica.

Agora notemos que na exposição do mesmo facto se dão circumstancias que o tornam improvavel.

Alguns auctores sustentam, como vimos, que o rei chamou o Bispo ao seu palacio, e que alli mesmo o fustigara com um azorrague. Outros dizem que isto se realisou no paço episcopal. E ainda alguns affirmam que o monarcha não chegou a açoutar o Prelado, apesar de estar deliberado a isso.

A fallar a verdade, isto não se comprehende muito bem. Comtudo póde o facto ser verdadeiro, apesar da variedade d'algumas circumstancias que os auctores apresentam na sua narração.

Ha quem pense que o caso succedeu no anno de 1360.

Mas não póde ser, porque n'este anno era Bispo do Porto D. Affonso Pires, que foi muito estimado d'el-rei D. Pedro I, e além d'isso, foi um Prelado de reconhecidas virtudes, e falleceu com fama de santidade.

Tambem não podia o caso succeder com o Bispo D. Pedro Affonso, antecessor de D. Affonso Pires, e que falleceu em 1357, no mesmo anno em que começou a reinar D. Pedro I.

Primeiramente, não consta que el-rei viesse ao Porto n'esse anno; pelo contrario, sabe-se que outros cuidados o demoravam na côrte. Em segundo logar, D. Pedro Affonso foi um Bispo de acrisoladas virtudes.

D. Rodrigo da Cunha conjectura que a vinda d'el-rei a Entre Douro e Minho se realisou nos ultimos quatro annos do seu reinado, e portanto deveria ser de 1363 a 1367, anno em que falleceu.

Ora não ha prova nenhuma de que durante este tempo houvesse Bispo no Porto, e muito menos que o fosse o tal D. Egidio, como pretende Gaspar Alvares Lousada.

Desde 1362, em que morreu o Bispo D. Affonso Pires, até 1374 em que principiam as memorias do Bispo D. João III (e ninguem sabe dizer quando começou a governar este ultimo Prelado. Talvez fosse immediato successor de D. Affonso!), não ha noticias de nenhum Bispo na diocese do Porto, e é muito provavel que em todo esse tempo estivesse vaga a cadeira episcopal portuense.

E' muito provavel, dizemos, em consequencia das contendas que então havia entre os Bispos do Porto e o poder temporal, sobre a jurisdicção da cidade; e nada mais natural que haver demora na eleição do novo Prelado, que só se verificaria no reinado de D. João I.

Encontramos em um auctor o seguinte:

«A austeridade do genio de D. Egidio e o rigor com que tractava os seus subditos lhe suscitaram muitos inimigos, que falsamente o accusaram de adulterio diante d'el-rei D. Pedro I. Este entrou no seu paço, deliberado a açoutal-o com um chicote que trazia muitas vezes cingido; mas os seus cortesãos e validos lhe atalharam esta impia resolução.»

Nada se sabe a este respeito. Se nós ignoramos a existencia de D. Egidio, porque nenhum documento se mostra, alem do que diz Lousada, como é que se falla em austeridade de genio e rigor de tratamento com os subditos?

Vê-se que o auctor procurou justificar d'um modo plausivel a origem da acusação contra D. Egidio, suppondo verdadeiro o facto attribuido a el-rei D. Pedro.

Mas tudo isto não tem fundamento solido, como acabamos de demonstrar.

E de tudo o que fica arrasoado podemos concluir que nunca existiu o Bispo do Porto, D. Egidio, e que é inteiramente falso D. Pedro I o castigasse ou quizesse castigar por suas proprias mãos com um azorrague.

Pelo menos o facto é muito du-

vidoso, e não póde sustentar-se perante a illustrada critica.

*P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.*

## Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Egreja, desde Herodes até nossos dias

(Continua do numero 13)

X

SIMAO MAGO

*(Morreu no anno 66 da era christã)*

Era magico, esplorador das consciencias, este celebre impostor, que nos primeiros annos do christianismo se apresentava como pae d'essa turba de esploradores da credulidade publica em que tanto abunda o presente seculo.

Simão Mago adquiriu tal prestigio, que, segundo as palavras da *Sagrada Escriptura*, lhe davam crédito todos que o escutavam, e, em seu enthusiasmo bradavam:—Este é a virtude de Deus, e a verdadeira grandeza.

Pelos annos *36* da era christã achava-se Simão Mago na Samaria, e ouvido as prégações dos Apostolos se converteu, e foi baptisado por Filippe, um dos sete primeiros diaconos. Simão era ambicioso como todos os impostores e parlapatões do seculo actual e de todos os seculos, e por isso desejou comprar com dinheiro a graça que os Apostolos possuiam depois da descida do Espirito Santo. Desejava obrar prodigios, fazer milagres, como os discipulos de Jesus e para obter isso, offereceu dinheiro aos apostolos Pedro e João. Até n'isto foi pae dos *espiritos fortes* que julgam hoje poder comprar tudo com dinheiro, incluindo até as consciencias.

—Teu dinheiro seja comtigo em perdição, porque acreditas que os dons de Deus se alcançam com dinheiro; foi a resposta dos apostolos.

E Simão Mago foi então um grande hereje como tinha sido grande impostor. Admittia um Deus desconhecido, que se revelava por seu poder ou suas virtudes, e que se manifestára tres vezes: aos judeus como filho; aos Samaritanos como pae; e ás demais nações como Espirito Santo.

E ensinára tambem a obra da Redempção parodiando a seu modo o grandioso prodigio operado por Jesus Christo, dizendo-se enviado por Deus e ensinando a seus adeptos que não havia moralidade nem immoralidade, vicio ou virtude, e d'esta arte creára elle, e reunira em volta de si uma phalange de homens os mais depravados que em sua epoca havia. E vivia elle, o impostor, perturbando as turbas com suas artes e magias, ganhava a estima de alguns homens de representação, porque para com elles era vil adulador, como são todos os inimigos de Jesus Christo.

Chegou a obter a protecção de Nero, do feroz imperador, que aspirava na mente admirar os homens voando pelo espaço; foi com este fim que elle cedeu as mãos com o fiticeiro.

Era o sonho dourado do despota romano, ver um homem crusar o espaço, e quantos a esse desejo da féra humana se prestaram, pagaram com a vida a tola tentativa. Simão, porém, que tinha fama de espirito previlegiado e que por essa fama se orgulhara em ser o primeiro dos impostores, não só promettera a Nero voar, mas fez ainda mais, affirmou que voaria até ao mais alto dos céos, onde tomaria posse do reino que lhe estava reservado.

Marcou-se o dia, fez-se annunciar com pompa uma tal festa, e a cidade dos Cezares correu toda a presenciar o estupendo facto, que tomava o caracter de festança publica com caracter official, como soe acontecer hoje, sempre que se trata de qualquer parlapatissima festa, que vá de encontro á fé, aos ensinamentos da Egreja.

Os Santos Apostolos temeram pelas consequencias resultantes d'uma fraude levada a effeito com bons resultados, e lá foram, ao campo da liça, depois de fortalecidos pelo jejum e oração, e recommendaram aos fieis as mesmas praticas para que o embuste fosse confundido, para que o sacrilego fosse punido, visto que se atrevia a declarar-se publicamente rival do Homem-Deus.

Em meio da anciedade geral, e por entre o estrepito das acclamações, Simão elevou-se ao ar. De repente, porém, desce, cai em terra, fractura as pernas, e é levado para o ultimo andar de uma casa perto do sitio onde caira.

Estava castigado o sacrilego, o blasfemo, o impostor. As turbas retiraram maldizendo o magico impostor, e proclamando-o o chefe dos charlatães. A aura publica era-lhe já adversa e a vergonha cobria as faces do condemnado.

Os Apostolos e os fieis louvavam ao Senhor e novas ovelhas se recolhiam ao redil de Pedro.

Simão Mago, não tendo coragem para arrostar com a ira do povo e com os insultos que lhe arremessavam, fez o que fazem todos os maus, todos os que não creem em Deus —suicidou-se. Queria elevar-se até ao céo, e Deus fel-o precipitar da janella do ultimo andar onde estava em tratamento, caindo na rua onde morreu, e dando sua alma ao Diabo.

Assim terminou os dias o primeiro maroto, o primeiro pedante que se quiz igular a Christo, e ser superior ao seu Creador. Foi inimigo da Egreja teve desastrado fim, como terão todos os que ainda hoje guerream a Egreja, senão por arte magica, por meio de leis e portarias.

*(Continua).*

*T. J. de E. Frias.*

# SECÇÃO CRITICA

## Léo Taxil

O INSULTADOR de Pio IX, o inimigo incarniçado do Papado, o homem que mais desceu na escala de todas as abjecções, que mais rastejou no lodo de todas as paixões ignobeis, para satisfazer aos principios que abraçára, como Secretario Geral da Liga anti-clerical; esse homem que escreveu as maiores calumnias, que propalou todas as infamias que a impiedade podia forjar para infamar a memoria do maior dos Papas, do vulto mais altamente respeitavel que occupou a cadeira de S. Pedro no seculo actual—esse homem, Léo Taxil, que envergonhou a imprensa com a peçonha de seus escriptos e que horrorisou os tribunaes com os crimes de que foi accusado, acaba de fazer publica confissão de seus crimes contra a Egreja, depois de se retirar, depois de regeitar a camaradagem, que por tanto tempo o aviltára, com os membros da Liga anti-clerical.

Louvemos a Deus.

E notemos um facto, que mostra a pedantice dos inimigos da Egreja em Portugal.

Quando em França ella tende a esfacelar-se, organisa-se uma liga anti-clerical em Lisboa!!

Como são miseraveis estes macacos-atheus portuguezes, que nem sabem imitar a tempo!

Mas leia-se a carta que o proprio Léo Taxil fez publicar no jornal catholico de Paris, «L'Univers»:

«Paris, 23 de julho de 1885.

«Snr. Redactor do «Univers»,

«O jornal «Le Salut Public» de Lyon, tendo annunciado a minha demissão de membro da liga anti-clerical e tendo-lhe juntado um commentario—erroneo sobre alguns pontos circumstanciaes, mas com signal de grande benevolencia a meu respeito e cheio em todo caso de excellentes intenções,—grande numero de jornaes republicanos de Paris e da provincia tiraram d'aqui pretexto para dispararem sobre mim, com mais violencia que nunca, os ultrajes de seu reportorio habitual.»

«Amplificando o que se não davam mesmo ao trabalho de verificar, inventando á vontade, e interpretando depois injuriosamente contra mim as suas proprias invenções, estes jornaes, ha quinze dias, mentindo qual d'elles mais, sujam-me com toda a sua lama; um, dizendo que, se dei a minha demissão, foi um modo de atraiçoar depois de ter feito fortuna; outro, dando a entender que me vendi.»

«Aqui, representam-me indo ao congresso anti-clerical de Roma como «sleeping-car» e lançando-me aos pés de todos os padres que encontro; acolá, contam que, á minha volta, passando em Marselha, fui pôr uma abjuração solemne de meus escriptos nas mãos de um reverendo padre, meu antigo professor; n'outra parte, diz-se mesmo que em Roma dei passos junto do Vaticano.»

«Estes complementos diversos da minha demissão de 27 d'abril, são tão falsos uns como os outros:

«1.º Longe de ir ao congresso de Roma como «sleeping-car», viajei modestamente em segunda classe com os meus collegas da delegação, e, nem á ida nem á vinda, encontrei nenhum padre.»

«2.º A' minha passagem em Marselha, não só não vi nenhum reverendo padre ou abbade ou antigo professor, mas nem fui mesmo visitar a minha familia.»

«3.º Quanto á minha estada em Roma, não deixei nunca os outros delegados das sociedades francezas de livre-pensamento, e, se fui ao Vaticano, fui com elles, ás salas abertas ao publico, não para dar nenhuns passos, mas para admirar as obras primas de Miguel Angelo e de Raphael (todos os meus collegas no congresso o podem attestar).»

«Unicamente, o que não era hontem, será d'hoje em diante.»

«No numero de 14 de Julho do «Univers» vós dizieis, com infinito bom senso, que a minha carta de demissão não indicava senão uma pura e simples retirada, e que o desgosto que n'ella se manifestava não era o arrependimento.»

«Pois bem, Snr., rogo-vos que o acrediteis, o arrependimento é hoje completo, estou desanimado, acabrunhado; mas não acreditava ainda que da imprensa republicana podesse sahir tanta injustiça, tanta opinião anticipada, tanta má fé.»

«Sou absolutamente estranho ao rumor que se levantou ácerca da minha retirada; recusei-me a responder aos reporters, que me foram enviados; e escreve-se que fui eu quem organisei um reclamo!»

«Não dei nenhuns passos junto de nenhum jornal do partido, que eu tinha combatido até este dia, e escreve-se que todos os escriptorios de redacção dos orgãos catholicos me fecharam suas portas!»

«Amontoem mentiras sobre mentiras.»

«E eu acreditei, durante dezesete annos, que era no partido republicano que se achava a verdade! E eu sacrifiquei a este partido todas as minhas amizades da infancia! E eu cheguei quasi a esquecer meu pae, meu querido pae, sobre o qual um d'esses jornaes baba hoje o seu escarneo!»

«Em que cegueira imperdoavel tenho eu estado?»

«Assim, a abjuração solemne, que não tinha feito de meus erros, faço a agora.»

«E essa demissão pura e simples, que eu tinha dado, já não basta á minha consciencia. Peço á liga anti clerical a minha exclusão. Porque já se não trata, agora, d'um caminho para o arrependimento, segundo a vossa expressão, mas do proprio arrependimento, sincero e absoluto; porque ao acabrunhamento, que me fizeram experimentar taes e tantas inquietações, succedeu a vergonha das minhas faltas; porque, se eu choro hoje, não é de colera e de despeito, mas pelo escandalo que tenho dado, que lamento de todo o meu coração, e que, para o reparar, empregarei, no futuro, todos os meus esforços.»

«Acceitae, senhor redactor, eu vos rogo, as minhas attenciosas saudações.»

«LÉO TAXIL.»

«(*Gabriel Jocand Pagés*)».

# SECÇÃO LITTERARIA

## No Bom Jesus do Monte

Oh! salve, Monte formoso,
onde, á pura devoção,
em templo tão magestoso
inspira o pio christão!
—Aqui, tão longe do mundo,
n'este silencio profundo,
o homem só pensa em Deus.
Aqui se esquece a maldade,
e até inspiram piedade
as aves nos cantos seus!—

Monte bello e verdejante,
como em ti rebrilha o sol!
Ama-te o triste viandante,
como o nauta ama o farol!
Quem soffre do mundo a guerra,
julga ser feliz na terra,
vendo os *Passos*, vendo a *Cruz*,
*escadas, jardins* e *fontes*
e estes vastos horisontes
e o *templo do Bom Jesus!*

N'estes tempos, a descrença
por toda a parte se vê;
porém, na tua presença,
santo Monte, quem não crê?!
Estas *arvores* copadas,
estas *reliquias* sagradas,
esta formosa extensão:
da santidade a grandeza,
unindo-se á natureza,
tudo inspira devoção!

*Aqui*, vérte amargos prantos
*Pedro*, em sua triste dôr.
*Magdalena*, ouvindo cantos,
espera, *ali*, no Senhor!
A flor, no cheiro, que exala;
a mesma pedra nos falla
nas *estatuas* e *inscripções!*
Tudo n'este monte inspira
a cantar, em aurea lyra,
religiosas canções!

N'este *largo, tres capellas*
já os meus passos detem;
e *quatro fontes* tão bellas
minha mente inspirar vem!
Eis que elevo as minhas vistas;
vejo *os quatro Evangelistas*
com seus *emblemas* ao pé;
e, no centro, com brandura
verte prantos de agua pura
o *signal* da nossa fé!

Mas quem póde, Monte santo,
fazer de ti descripção?
Tu encerras tal encanto,
que não cabe na expressão!
A mente aqui se extasia!
Os arroubos de poesia
não te podiam cantar!
Quem tem coração sensivel
gosa, mas não lhe é possivel
todo o seu goso expressar!

Adeus Monte de piedade,
cuja vista paz me deu!
Sempre por ti a saudade
viverá no peito meu!
De ti não posso apartar-me!
Sempre, sempre, ha de lembrar-me,
que me déste alivio á dor!
—Oxalá tivera a sorte
de me arrebatar a morte
juncto ao templo do Senhor!—

*Rangel de Quadros.*

# GRACIA

OU

A CHRISTA DO JAPAO

CAPITULO XIII

**Um livro aberto**

*(Continuado do n.º antecedente)*

MUITAS mais, muitas mais posso affiançar-vos agora, que a senhora princeza está estudando com mais afan que nunca o Christianismo.

—Como! se não falla d'elle, nem quer ouvir fallar, nem tem um unico livro, que d'elle falle?

— Tem, tem, replicou carinhosamente o Padre: tem um livro vivo, que lhe falla d'elle a todas as horas; se ella não falla, vê, observa, escuta, julga e compara. Uma philosopha não póde deixar inactiva sua razão, nem póde ter a seu lado uma obra, que lhe interessa, sem examinal-a e estudal a a fundo. Esse livro sois vós: em vós está ella estudando o Christianismo.

—Eu, eu! exclamou a menina estupefacta. E que posso ensinar-lhe eu sem fallar?

—Mais que com a palavra, podeis com vosso exemplo ensinar-lhe o que são as virtudes christãs. Continuai, pois, sendo boa; e já que Deus vos escolheu para livro seu, séde um formoso exemplar, que diga a Gracia e a quantos vos lerem, o que vale o divino Auctor, que vos ha escripto. Quanto ao mais, não demonstreis á princeza, que sabeis seu segredo; continuai como até aqui, e rogai por ella com fervor.

Mirka sahiu muito alegre e satisfeita da egreja, certa de que cada acção sua podia contribuir para a conversão de Gracia; n'aquella mesma noite, porém, veio turbar seu gozo uma grande surpresa. Julgava, que ninguem havia observado suas diarias sahidas, mas encontrou-se ao voltar a sua casa e escondidas, dentro do seu quarto, com tres mulheres. Uma d'ellas agarrando-a ao entrar, sem dar-lhe tempo de tirar o disfarce, que usava, exclamou:

—Então és tu, que, valendo-te do meu traje, sais todas as noites?

Mirka ficou sem saber que fazer, nem que dizer, emquanto que Rania, pois era esta a interlocutora, lhe tirava o manto, em que se envolvia. A velha ama nem sequer lhe deu tempo, que esta lhe dirigisse a palavra, porque, depois de tirar-lhe aquella vestidura, proseguiu dizendo:

—Haverá oito noites precisei sahir, e ao chegar ao portão, disse-me o guarda, que n'elle estava:

—Então torna a sahir?

—Não posso tornar a sahir, lhe respondi encommodada por sua grosseria, porque é a primeira vez que saio de noite em todo o mez.

—Pois já te vi sahir esta noite, ainda não ha meia hora, e hontem á noite, e todas as noites d'este mez.

—E' falso, é mentira, gritei zangada, porque todas as noites me deito ás oito horas e durmo até ás quatro da manhã;—e sem dar mais cavaco, sahi deixando-o ficar.

Na verdade este costume, que Mirka conhecia perfeitamente, era o que lhe dava a certeza de não ser descoberta, pois sabendo, que Rania se deitava cedo, não julgava, que sahiria ao mesmo tempo que ella. O que acabava agora de dizer-lhe demonstrou-lhe, que estava manifesto o seu segredo. Todavia, emquanto fallava a ama, teve tempo de aquietar-se; e vendo que as que a acompanhavam eram suas filhas Rania e Valdara, alias ambas de Gracia, donzellas de muito bom coração e amicissimas suas, se animou tanto, que com a maior naturalidade disse a Rania:

—E como soubestes vós, que era eu a que sahia?

—Ao voltar para casa contei a Valdara o que me havia acontecido, e esta me disse, que o guarda tinha razão, porque tambem ella me via sahir todas as noites. Que o porteiro se equivocasse, vá, era natural, mas que minha filha tambem asseverasse o mesmo, era para me tornar louca. Na noite immediata pozemo-nos á espreita, e calcula o meu assombro, quando pouco depois das oito horas vi sahir a uma eu, que não era eu: a uma Rania, que caminhava tão lentamente como eu, que fazia a mesma figura, e que vestia o mesmo meu traje velho e o manto, que eu costumava levar! Fiquei espantada, e mandei a Valdara, que séguisse aquella sombra minha e que averiguasse quem era.

— E seguiste-me? perguntou Mirka á designada.

Está baixou a cabeça sem dizer palavra, mas Rania respondeu:

— Seguiu, seguiu, e entrou atraz de ti na casa dos christão, e ouviu seus canticos, e te viu fallar com um dos seus bonsos e escutou cousas muito bellas que ao depois me contou. Isto é mais sério do que o que eu pensava, disse, quando o subi; e não ha remedio senão dizel-o á senhora: e com effeito, no dia seguinte lh'o contei.

—E que te respondeu? disse Mirka com visivel anciedade.

*(Continúa.)*

*Versão do P.e Lima.*

# SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

ESTÁ concluida uma obra importantissima, que temos recommendado e que nos não cançaremos de recommendal-a, mormente ao Clero, para quem se póde considerar uma obra indispensavel.

Referimo-nos ás **Meditações Sacerdotaes, ou Padre santificado pela Oração,** pelo R.mo Padre Chaignon, de que recebemos o 5.º e ultimo volume. Obra indispensavel para o Clero, como já dissemos, é ella tambem de utilidade para os seculares, e por isso repetimos não nos cançaremos de a recommendar, desejando assaz que ella se propague.

Os 5 volumes custam 4$000 rs., mas a direcção do *Progresso Catholico*, que tomou alguns exemplares para espalhar pelo preço da assignatura, conserva por emquanto o mesmo preço, para os leitores da sua Revista, podendo ser requisitada, acompanhada da sua importancia, 3$500 reis, preço da assignatura.

*** Um outro livro que nos parece merecer a estima, pelo menos do que se encarrega da educação das creanças é o que acabamos de receber com o titulo de—**Do ensino regular da lingua materna nas escolas e nas familias,** por Gregorio Girard, franciscano etc, edição da casa Lopes & C.ª do Porto. E' um volume em 8.º de 300 paginas, que se vende em casa dos editores—Porto, rua do Almada 123, ao preço de 300 reis.

*** Aos immerecidos favores do vimaranense illustre, o Exc.mo Snr. dr. Pereira Caldas devemos a posse de um folheto de summa importancia, e que vem provar-nos mais uma vez o estudo profundo do sabio professor. E' a **Noticia historica sobre a espingarderia Vimaranense com indicações geraes sobre a espingarderia portugueza,** na qual nos dá sua Exc.ª noticia da arte de espingarderia no paiz e da importancia que tivera em Guimarães, cujas glorias

tanto exalça com seus estudos e publicações quem de Guimarães é tambem uma gloria.

*** Do Brazil recebemos o 1.º n.º do **Boletim do circulo catholico do Rio de Janeiro,** publicação mensal feita sob a direcção do notavel jornalista brazileiro, dr. Antonio Manoel dos Reis. Folgamos com o apparecimento d'este *Boletim* e mais ainda com a fundação do circulo de que elle é orgão na imprensa, e pelo qual sabemos os trabalhos realisados para a formação do circulo, o estado em que já se acha, pelo relatorio apresentado e discurso proferido.

Os nossos parabens aos catholicos brazileiros.

*** Principiou a publicar-se no Porto um periodico sob o titulo de **O Mensageiro Popular,** de que já recebemos alguns numeros. E' mais um companheiro nosso, que vem alistar-se nas bandeiras da Egreja? Seja bem vindo.

*Alberto dos Guimarães.*

## SECÇÃO ILLUSTRADA

I

### Divagando pelo infinito

A nossa gravura representa formosa joven, que tivera por berço esplendido palacio, que fôra educada em meio de tudo que o ouro proporciona; que tivera creados para satisfazere todos seus caprichos, e que, por precetora tivera uma mulher da moda. Aos desoito annos trajava com pura elegancia, ninguem melhor que ella arrastava pelos salões do grande mundo a cauda roçagante d'um vestido. Montava admiravelmente, e fazia voar uma parelha de cavallos quando tomava o lugar do boleiro.

Era a mulher do seculo actual, e por isso só entrava na egreja por distracção; lia romances e passava a vida nos theatros, nos bailes e em passeios com amigas loucas como ella.

A leitura dos maus livros levara-a á negação da Divindade, e poucas vezes fallava de cousas religiosas a não ser para rir, com esse riso da ignorancia presumpçosa.

E era formosa, esplendidamente bella a palaciana donzela.

Um dia, achando-se com a familia n'uma praia, a uso de banhos, sentara-se, como costumava á borda do mar, sosinha, acompanhada sómente do seu livro, que se dispunha a ler com a attenção que tanto lhe mereciam os livros seus predilectos.

A sua boa estrella fizera que ella trocasse o livro que desejava por outro, que seu irmão pousára n'uma jardineira, e que um condiscipulo lhe havia mandado de Pariz. A joven abriu o livro e soltara estridula gargalhada, que se confundira com o rumorejar das ondas, quando leu o titulo do livro que tinha entre as mãos.

*Os Explendores da Fé, pelo Abbade Moigno.* Foi este o titulo que fizera soltar á formosa aristocrata a gargalhada ha pouco escutada. Mas a pouca vontade de se levantar da cadeira e voltar a casa, que ficava perto, fez que a nossa joven litterata se quedasse com o livro entre as mãos, e, pouco depois, o abrisse de novo ao accaso e lesse por espaço de uma hora, sem se interromper.

As paginas que ella leu, não o podemos nós dizer, o que, porém, podemos affirmar é que, depois da leitura deixára cair na areia o livro aberto, se recostára na cadeira fitando o mar que se estendia a seus pés, e o ceu que se archeava por sobre sua cabeça, e que assim esteve horas e horas até que a noite a veiu surprehender na mesma posição em que o Abbade Moigno a deixára.

O que se passára n'aquelle espirito juvenil, n'aquella alma innocente, até então presa da leitura de maus livros, não o podemos tambem saber; mas a formosa creatura, no seu divagar pelo infinito, como a nossa gravura a representa, abrira de certo os olhos á luz da verdade e da rasão, e creiu em Deus. Creiu em Deus, depois da leitura dos *Esplendores da Fé*, porque ao outro dia pela manhã, antes que o sol dourasse os vidros do seu quarto luxuoso, saiu de casa e foi assistir ao santo sacrificio da missa na egreja proxima, e ao outro dia todos a viram receber o Pão dos Anjos.

O que vale a leitura d'um bom livro!

*R.*

## SECÇÃO NECROLOGICA

Ha pouco recebemos a dolorosa noticia do fallecimento do R.mo Sr. P.e Tiburcio Pereira Gomes, amigo dedicado do *Progresso Catholico*, e seu solicito correspondente em Passos de Ferreira. Não tivemos a dita de conhecer este nosso amigo pessoalmente, mas os serviços prestados por elle a este Centro de propaganda catholica, dão-nos a certeza do quanto valia aquella alma, do muito que perdeu Freamunde, d'onde era natural, com a sua morte.

Trabalhador incançavel, prompto sempre para tudo que em nome do *Progresso Catholico*, lhe pedissemos, era o Padre Tiburcio Pereira Gomes um verdadeiro amigo da nossa Revista. Roubou-nol'o a morte, para o levar á eterna patria, d'onde continuará a ser nosso amigo, não se esquecendo de que peregrinamos ainda n'este vale de lagrimas.

Mais uma vez catholicos leitores e amigos nossos, mais uma vez pedimos vossas orações como sufragios pela alma do nosso irmão.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Tivemos a visita n'esta quinzena dos nossos bons amigos os Exc.mos Srs. Luiz de Carvalho Pinheiro, de Santo Tyrso, Duarte Leite Bragança, de Felgueiras, e tambem tivemos o prazer de conhecer e cumprimentar pela vez primeira ao muito reverendo Padre Prosperi, da Companhia de Jesus, que aqui veio fazer uma pratica ás *Filhas de Maria*.

Vimos de assistir a uma festa altamente sympathica, e que deve ter feito pular de santo contentamento o coração de todos os filhos de Guimarães, e mormente dos membros da respeitavel e veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Festa duplamente grande porque se aliára á festividade da Prociuncula, a inauguração de duas escolas, creadas pela Ordem para os filhos dos irmãos terceiros.

Já veem que nos devemos regosijar, não pela inauguração de duas escolas, mas porque essas duas escolas são mais duas escolas, que fica possuindo Guimarães, catholicas, regidas por mestres que professam em toda a sua pureza os mandamentos da Egreja; porque não basta abrir escolas, é necessario que essas escolas sejam bafejadas pelo sopro da Egreja, guiadas pelo facho luminosissimo da fé, acalentadas pelos afagos da caridade. Bem haja a meza da Veneravel Ordem Terceira que a tudo isto soube prevenir: collocando as escolas sob a egide da Egreja, dando aos pequenos estudantes um sacerdote

digno, por mestre, e ás pequeninas escolares as unicas mestras que se podem dar as creancinhas, que serão um dia mães, e esposas—as benemeritas hospitaleiras, esses anjos da caridade que enchem o seculo com o heroismo de suas virtudes, que assombram os descrentes com a abnegação de si mesmas, e que embalçamam o ambiente que respiramos com a suave fragancia de sua caridade. E não podiam ser outras as mestras das filhas dos franciscanos, nem podia abrigar-se sob o tecto da casa da penitencia, quem não apertasse á cintura o cordão do Pobre d'Assis.

Louvemos a Deus que se não esqueceu do Seraphico Patriarcha, fazendo que seus filhos de Guimarães levassem de vencidos os inimigos das glorias e esplendores de uma casa que tanto honra esta terra. A creação das duas escolas de que fallamos ainda que não o pareça á primeira vista, sob os auspicios com que foram fundadas, é um triumpho para a Egreja e para a Ordem, uma victoria alcançada sob os filhos das trevas, e portanto um alvorecer de melhores dias para a casa de S. Francisco.

Louvemos a meza regedora d'aquella casa de caridade, e principalmente o seu digno ministro o Exc.mo Snr. João Antonio d'Almeida que durante um mez tem melhor merecido o titulo de pae da Ordem que outros no longo decorrer de muitos annos. A sua actividade e amor botado áquella casa, fazem-no apparecer em toda a parte, cuidar elle proprio de todos os negocios ainda os de somenos importancia, e olhar, com desusada vigilancia, para todos os ramos da administração de tão importante estabelecimento de caridade, o que nos afiança que a Ordem Terceira de S. Francisco em Guimarães vae entrar no caminho de que ha muito tempo andava affastada, e que a não ser assim, caminharia para a ruina, como soe acontecer ás corporações que não tem uma cabeça que mande, nem empregados que saibam obedecer.

A bolça do digno ministro abrira-se já francamente para costear as despezas da mobiliação das escolas, e todos os membros da meza se empenharam em tornar a festa pomposa e grande, fazendo-a no vastissimo templo que fóra dos frades, ornamentando com aprimorado gosto as dependencias da casa. N'uma palavra, a Veneravel Ordem Terceira de Guimarães torna a ser uma instituição religiosa, e de caridade.

Sabemos tambem que a meza trabalha com a melhor vontade para harmonisar os regulamentos da casa com a constituição de Sua Santidade.

Parabens á Ordem Terceira e a Guimarães!

Teremos de fallar de novo sobre o assumpto.

---

Continuamos com prazer a publicar os protestos e adhesões que nos são enviados de diversos pontos do paiz, contra os ataques covardes e estupidos dos italianissimos e *Athletas*.

Maria do Carmo de Sousa, de Celorico da Beira, D. Margarida Augusta Sarmento, e D. Maria da Conceição Moraes, adherem a todos os protestos que se tem publicado contra o selvatico proceder do Prefeito de Roma, e contra os ataques do nojento papeluxo d'Angra, o *Athleta*, dirijidos á pessoa respeitabilissima do digno Bispo d'Angra, o Exc.mo e Rev.mo Snr. D. João Maria do Amaral Pimentel, e acompanham-nos no mesmo protesto, o Rev.mo Prior, Lazaro Mendes d'Almeida, P.e Alexandre da Costa Mascarenhas e Antonio Joaquim da Silva Junior.

Francisco de Sá Osorio de Mello, Amelia de Sá Osorio de Mello Cardoso *com toda a sua familia, protestam contra* tudo que se faz contra a Santa Religião Catholica Apostolica Romana, contra o Papa e contra todos os Bispos. Maria da Conceição faz o mesmo protesto.

---

*Os exercicios espirituaes* do Clero que tiveram logar no Seminario Patriarchal de Santarem, foram concorridissimos, assistindo mais de cem sacerdotes. Como deve exultar de jubilo o Em.mo Snr. Cardeal Patriarcha, por ver coroados de exito feliz os seus esforços *e mais ainda pela esperança de que em* breve com a pratica sublime dos santos exercicios, verá o Clero do Patriarchado entrar n'uma nova vida, porque os exercicios espirituaes são o caminho para a regeneração dos espiritos. Tomassem parte n'elles não só os padres já *bem encaminhados, mas todos os pa*dres, para que não houvesse padres nos cafés, nos billhares, nos theatros etc.

E assim ha de acontecer desde que os Prelados aconselhem a todo o Clero a assistencia de que fallamos, e bem era até que em todas as terras importantes os houvesse tambem para os seculares.

Como dissemos foram concorridissimos os exercicios em Santarem, presidindo a elles o sabio e virtuosissimo Vigario Geral do Patriarchado, o Ex.mo e Rev.mo Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Mitylene.

---

Muito nos compraz a transcripção, que de um semanario lisbonense fazemos em seguida.

Quando os governos d'este desditoso paiz tanto se empenham por abysmal-o *em medonho sorvedouro*, consola-nos ao menos, já que somos um povo catholico, a consideração que Portugal merece do supremo Pastor da Egreja. Eis, pois, a noticia:

«Por carta de 30 de junho do corrente anno, S. Em.a o Cardeal Secretario d'Estado de S. Santidade, participa ao Nosso Em.mo Prelado que o Santo Padre creou dois logares gratuitos, *in perpetuum*, no Instituto Litterario e Scientifico Romano, denominado —*O Apolinario*—para alli serem educados dois alumnos para a vida sacerdotal, os quaes serão da escolha dos Patriarchas de Lisboa, ao tempo do seu preenchimento.

E' este um facto altamente significativo de quanto o Soberano Pontifice tem a peito a mais perfeita educação e instrucção do Clero e nomeadamente quanta predilecção lhe merece a Egreja de Portugal, e o virtuoso Prelado, a quem a Divina Providencia confiou o pastoreamento da dioceso de Lisboa.

Com esta prova da summa benevolencia do Supremo Pastor para com a Egreja Lisbonense e seu Em.mo Prelado, mais se avigoram os sentimentos de inolvidavel gratidão e inquebrantavel amor ao Vigario de Christo, A'quelle que é o Pae Commum dos fieis e que tantas provas de generosidade e magnanimidade de coração nos dispensa. Se os Soberanos Pontifices nunca esquecem, nem ainda hoje, os serviços prestados por Portugal á Egreja outr'ora, não esqueçamos nós os deveres de gratidão eterna, e os altos feitos que nossos avós praticaram para sermos dignos d'elles e merecer do Vigario de Christo a continuação de graças que nos tem tão liberalmente concedido.»

---

Os catholicos costumam sempre responder aos ataques cobardes que lhes *fazem os governos*, com manifestações francamente leaes, porque a lealdade é o timbre dos que pelejam em nome de Christo. E' por isso que os francezes, á violencia com que o governo da republica arrebatou ao culto catholico a egreja de Santa Genoveva, vão responder *com uma subscripção nacional*, cujo producto será applicado á compra de uma imagem da Santa Protectora de Pariz.

A subscripção, que será a mais franca manifestação da França contra as demasias de Revolução, começa nos melhores auspicios e tudo leva a crer que *será o mais forte protesto* de um povo contra os oppressores da sua fé e das suas consciencias.

---

O governo do Quirinal não se julga seguro em Roma, como o querem propalar os amigos da Italia una. E tanto *aguarda o castigo da Providencia*, que

vae fortificar a cidade dos Papas, comprando já perto do Monte Mario importantes terrenos por 35 contos de reis, para evitar, por meio de fortificações um ataque pelo lado do Tibre. E depois continuarão as fortificações por toda a cidade.

Bem se enganam os inimigos do Papado. Forte era Roma em eras idas e não pode defender-se de Alarico, e para desarmar o braço de Atila, foi bastante o poder de S. Leão Magno. Por isso as forças da terra não livrarão a cidade Eterna de qualquer ataque; mas será livre pela influencia do Vigario de Jesus Christo.

---

Os frades são d'uma cobiça, de uma ambição pasmosa! Onde elles apparecerem, tudo desapparece, para se refugiar no convento; é uma cousa medonha!

Provemol-o com o seguinte facto, que nos é narrado pelos ultimos jornaes estrangeiros:

O arcebispo de S. Francisco na California, Mons. Alemany, cançado de trabalhos em prol da Egreja de que é digno apostolo, e que tem evangelisado uma grande parte da California, renunciou a mitra e voltou ao seu convento de dominicos, para ser de novo um humilde monge.

Até aqui nada ha de notavel, de extraordinario, mas o que segue mostra assaz onde chega a *ambição* de um frade.

Mons. Alemany, depois de governar por muitos annos uma diocese colocada na terra mais rica do mundo, e sendo amado e estimado por todos os seus diocesanos, ao renunciar a mitra estava tão pobre que foi necessario abrir uma subscripção entre os seus diocesanos para poder ser transportado ao seu convento!

Que faria o pobre frade ao dinheiro?

Quantas lagrimas enxugaria, quantas miserias desappareceriam com a caridade de humilde filho de S. Domingos!

São assim os frades.

---

Uma das mais bellas e sympathicas festividades da Egreja é com certeza a celebrada por occasião da primeira communhão, porque fica na mente das creancinhas, e, essa recordação servirá mais tarde, quando as ventanias do seculo as affastem do caminho do dever, para as fazer voltar ao aprisco, para se ajoelharem de novo ao pé do altar, onde a vez primeira, com a fronte toucada de rosas, receberam o Pão dos anjos.

Foi uma d'estas tocantes festas que os povos da freguezia de Pedralva, nas proximidades de Braga, presenciaram e que, a um nosso collega d'aquella cidade é narrada nos termos seguintes:

«No dia 19 do corrente celebrou-se na parochial egreja de S. Salvador de Pedralva um dos actos religiosos mais edificantes que os povos d'esta freguezia e circumvisinhas tem presenceado. Foi este o dia feliz em que pela vez primeira se aproximaram da Sagrada Meza Eucharistica, para receberem o Pão do corpo e do espirito, cerca de setenta creanças de ambos os sexos, tomando tambem parte n'este religioso acto um crescido numero de adultos, que aproveitando o ensejo receberam igualmente a sagrada communhão, depois de convenientemente preparados para isso.

E' impossivel desenhar-se ao vivo um quadro tão pathetico e commovente! O coração mais endurecido pelo indifferentismo, o homem mais sceptico do mundo derramaria ardentes lagrimas ao ver o recolhimento com que aquelles innocentes escutavam as exhortações que d'espaço a espaço lhe era feitas pelos ministros do altar, a contricção com que supplicavam e recebiam o perdão e a benção de seus paes ao aproximarem-se pela vez primeira da Sagrada Meza Eucharistica.

O virtuoso parocho da freguezia, o muito reverendo João José Caetano Pereira Portella, cujo zelo sacerdotal é já de sobejo conhecido, a nada se poupou para elevar este religioso acto á sua verdadeira altura.

O templo via-se revestido de gala e e atapetado de flores. Os sinos repicavam festivamente, e cerca de tres mil pessoas se reuniram alli para serem testimunhas d'um dos actos mais solemnes do culto catholico, a recordação do qual ficará perpetuamente gravado no coração de todos.

Orou proficientemente sobre o assumpto o reverendo coadjuctor da freguezia de Villa Nova de Sande, sacerdote muito digno e illustrado. O seu discurso commoveu profundamente o numeroso auditorio que attentamente o escutava.

Em seguida percorreu alguns pontos da freguezia, que se achavam adornados, uma bonita procissão, o cortejo da qual era formado por differentes irmandades e confrarias das freguezias circumvisinhas, pelos meninos que haviam recebido a primeira communhão, etc., sendo n'ella conduzidas em andor as imagens do Menino Jesus, do Salvador, e a reliquia do Santo Lenho sob o pallio.»

Ao Rev.mo Abbade João José Caetano Portella, que tão bem sabe exercer o o seu sagrado ministerio, enviamos mil parabens, assim como aos povos que o teem por pastor.

---

E' um acontecimento para nós e para o paiz de tão pequena monta a epoca parlamentar, que um portuguez sério e amante da sua patria apenas póde noticiar a sua abertura e encerramento: a abertura porque principia mais uma vez a ruina da nação e o cynico escarneo com que se insulta um povo; o encerramento porque terminam, ou antes, porque se põe ponto mais uma vez n'essa comedia a que o povo assiste sem graça, mas com grande prejuizo da bolça.

Por isso nós noticiando a abertura, annunciamos o encerrar. Estão fechadas as camaras! e... emquanto o pau vae e vem, folgam as costas. Já é uma felicidade!

Mas, para que não seja completo o nosso despreso por essa instituição *liberalissima*, não terminaremos este *suelto*, como dizem os nossos visinhos sem transcrevermos de uma folha politica o seguinte, que, infelizmente é a verdade:

«Ao terminar uma tão larga sessão legislativa, em que se deram scenas tão tristes e lastimosas, em que se votaram de tropel em meia duzia de dias, projectos de uma importancia capital, tendo-se gasto sem proveito mezes e mezes, em que não houve escandalo que não fosse logo approvado, e abuso governativo que não tivesse applausos e estimulo, os homens sensatos e sinceros de todos os partidos e de todas as opiniões sentem um profundo desalento ácerca da eficacia do systhema parlamentar, que se presta a semelhantes sofismas e com o auxilio do qual se obtem tão desastrosos resultados para o paiz.»

---

Acaba de entrar no seminario de Strasburgo um alto personagem para seguir os estudos ecclesiasticos e receber ordens de persbytero. Chama-se barão de Bulach, diplomata distincto, que occupava na sociedade uma brilhante posição, tendo além d'isso a amisade do principe de Bismarck. E deixou tudo, tudo quanto no mundo lhe sorria para vestir a sotaina do seminarista.

Este facto tem chamado a attenção de toda a Alsacia e todos os periodicos tem feito grandes elogios ás virtudes e nobre resolução do joven levita.

Ha por esse mundo vocações sublimes para o sacerdocio, só em Portugal são raras, porque aos governos apraz mais encher repartições e repartições de parasitas, que matam diariamente a Patria, facilitando um *modo de vida* suave, emquanto que deficultam quanto podem as vocações para sacerdocio.

Mas o sacerdote, ainda que pese aos governos da geringonça, ha de existir sempre.

*J. de Freitas.*